

Xinguei Gustavo Piqueira.



por andrecefalia

Ou cheiro de terra molhada ou cheiro de poeira levantada. Na estrada, tratores ou cavalos, vacas e outros animais que não costumamos ver na zona urbana. Um laguinho cheio de patos e uma videira onde sempre estão algumas uvas. E ainda: uma pequena horta, alguns morros e somente uma casa à vista. Poderia estar descrevendo uma chácara, uma fazenda ou qualquer tipo de propriedade rural, mas, vejam só, dei algumas informações sobre minha escola.

Sim. Estudo numa escola que é relativamente longe de um bairro normal, com casas e lojas. A cidade está crescendo e o único lugar que arranjaram para construir o Instituto Federal por aqui era num lugar sem asfalto e com MUITO verde em volta. Sempre tem grama verde, caminhão, bois. Os animais dos vizinhos vez ou outra invadem o lugar e acabam recebendo atenção dos alunos. Inclusive, toda semana aparece um cachorro novo por lá. Ou mais que um.

Considerando que estudo em tempo quase integral (tenho somente três dias de folga à tarde) e não há nada por perto para os horários livres, a biblioteca se torna o melhor espaço para a gente se distrair. E não falo como uma pessoa que se acha culta e que acredita piamente que livros são a melhor coisa do mundo, mas uma pessoa que se sente melhor em ambientes com ar-condicionado, gosta de cadeiras com rodinhas e acha divertida a moça irônica que trabalha por lá. Fato é que grande parte dos dias em que sobra um tempinho do horário de almoço eu (e minha querida gal) passo por lá.

Daí que durante uns dias sem ler nada (porque minha cabeça não conseguia se concentrar em nada muito elaborado) estava passeando pelos corredores de lá (sentado na cadeira de rodinhas, claro) quando encontrei A Vida Sem Graça de Charllyno Peruca, de Gustavo Piqueira. Nenhuma matéria, nenhum texto complexo, nada prendia minha atenção. Logo, um livro infanto-juvenil poderia ser a solução para a readequação da minha mente.

Deu certo. Durante a semana que se seguiu já li outro livro (A Solidão dos Números Primos, de Paolo Giordano) e estou no finalzinho de outro (O Teste, de Joelle Charboneau). Leitura rapidinha e encerrada em poucos minutos.

O livro se dedica a narrar a vida sem graça de um garoto que entrega lanches na lanchonete do pai. Repetitiva, todos os dias (a partir de um dado momento) alguém de um mesmo apartamento da cidade de São Paulo chama pela comida do Charlly's Lanches. Até que Charllyno leva uma bronca do pai por receber uma nota falsa com a cara do Roberto Carlos estampada, que ele jura não ter recebido.

Antes do drama/suspense aparecer, a gente recebe umas informações sobre o personagem também. O apelido Peruca, por exemplo, vem do fato de sua mãe ser cabeleireira e experimentar novos cortes no menino sempre. Ela acha que ele ficou parecidíssimo com o artista que o inspirou, mas tudo acaba em um punhado de mau gosto. Vira zoação dos colegas e, por um momento, pensei que o bullying seria abordado, o que não aconteceu.

Não me importo com livros que tenham/sejam entretenimento puro, mas prefiro aqueles que trazem uma mensagem, explícita ou não. Até certo ponto, quando Charllyno tenta resolver a questão da falsificação, só percebia o problema sendo abordado de forma preconceituosa. O famoso julgar pelas aparências. Xinguei Gustavo Piqueira em grande parte das frases. Felizmente, ele reverte a situação e termina com algo positivo em relação a isto.

Piqueira é bastante conhecido pelos seus livros que fogem da estética comum e por unir o design (sua profissão por formação) à literatura. Ele já colocou um espelho em uma capa e areia em outra. Em Charllyno Peruca, ele apresenta um conteúdo bacana sobre a cidade de São Paulo, que já apareceu em vários outros livros dele. As datas que iniciam os capítulos da história são acompanhadas de fotografias em preto-e-branco de ruas e avenidas e, ao final do livro, algumas páginas coloridas contam a história da cidade e mostram alguns pontos que aparecem no decorrer da narrativa.

Outra característica inteligente que o autor utiliza é excluir alguns apostos típicos da literatura e substituir por elementos gráficos. Mesmo sem nenhuma explicação, a gente entende que a fonte diminui com sussurros e fica em negrito com gritos. Recurso que acrescenta velocidade ao livro.

A Vida Sem Graça de Charllyno Peruca, na verdade, 1) não retrata uma vida, mas somente alguns poucos dias 2) que são bem movimentados por sinal. A estética é bacana, mas a narrativa é mediana. Os extras sobre São Paulo acabaram me chamando muito mais a atenção (ou talvez ainda estivesse sob o efeito da maré ruim para a leitura).

André acredita que vida sem graça não é desculpa para enrolar com os lanches, motoboys.